

## **A representação do rio no enredo de *Três Casas e um Rio* de Dalcídio Jurandir**

### **The river representation in the story of *Três Casas e um Rio* by Dalcídio Jurandir**

**Tuane Santos Aragão<sup>1</sup>**

**Resumo:** O presente artigo busca explorar e refletir a representação do rio na obra *Três Casas e um Rio* (1958), do escritor paraense Dalcídio Jurandir através de diferentes simbologias que funcionam como estratégia de constituição tanto do desenvolvimento do enredo como influenciador na trajetória dos personagens da história. O romance escolhido como objeto deste estudo é o terceiro entre os dez que integram o chamado Ciclo do Extremo-Norte (1941-1978) e apresenta a história social e cultural da Amazônia, mais especificamente, de Belém e do seu entorno fluvial. Observa-se na narrativa a importância dada ao ambiente do espaço amazônico, inclusive, a elementos da natureza como o rio que surge em uma relação de interdependência entre este e os humanos, sendo notável através de simbolismos, metáforas e personificação que o dão vitalidade e a devida significância na história. Deste modo, o autor da obra rompe com o paradigma tradicional dos elementos da natureza serem apresentados como simples espaço que ambienta a obra ou em confronto com o personagem humano. A metodologia utilizada é de cunho qualitativo e bibliográfico. Para embasamento pautou-se nos textos de: Bachelard (1988); Nunes (2004); Loureiro (2015); Pessôa (2023); Nenevê e Sampaio (2015); Valério (2010), entre outros autores relevantes para a análise.

**Palavras-chave:** Dalcídio Jurandir; *Três casas e um rio*; Narrativa histórica.

**Abstract:** This article seeks to highlight the presence of the river in the work *Três Casas e um Rio* (1958), written by Dalcídio Jurandir through different symbologies that work as a strategy for constituting both the story development and influencing the characters' trajectory in the story. The novel chosen as the object of this study is the third among the ten that make up the so-called Cycle of the Far North (1941-1978) and presents the social and cultural history of the Amazon, more specifically, of Belém and its fluvial surroundings. It is observed in the narrative, the importance given to the environment of the Amazonian space, including elements of nature such as the river that arises in a relationship of interdependence between it and humans, being notable through symbolisms, metaphors and personification that give it vitality and due significance in history. In this way, the author of the work breaks with the traditional paradigm of the elements of nature being presented as a simple space that sets the work or in confrontation with the human character. The methodology used is qualitative and bibliographic. For support, it was based on the following texts: Bachelard (1988); Nunes (2004); Loureiro (2015); Pessôa (2023); Nenevê and Sampaio (2015); Valério (2010), among other authors relevant to the analysis.

**Keywords:** Dalcidio Jurandir; *Três casas e um rio*; Historical narrative.

---

<sup>1</sup> Mestra em Estudos Literários – PPGMEL, da Universidade Federal de Rondônia – UNIR; E-mail: tuane1782@gmail.com ; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6734-3898>

## 1 A pesquisa, o autor e sua produção literária

*Três Casas e um rio*, romance escrito pelo paraense Dalcídio Jurandir (1958), faz parte dos dez romances que integram o chamado Ciclo do Extremo Norte (1941-1978), onde o autor conta a saga de Alfredo, um menino marajoara que sonhava conhecer a cidade grande e continuar seus estudos.

A narrativa apresenta a história social e cultural da Amazônia, mais especificamente, de Belém e do seu entorno fluvial. Observa-se a intenção do autor em salientar na obra, a importância do rio na vida do homem ribeirinho amazônico. Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo explorar e refletir sobre a representação do rio, elementos intrínsecos à narrativa em foco.

Dalcídio Jurandir Ramos Pereira, nasceu em 10 de janeiro de 1909 em Vila de Ponta de Pedras, na ilha de Marajó (PA). Era filho de Alfredo do Nascimento Pereira e de Margarida Ramos.

Em relação à trajetória inicial escolar e profissional do mencionado escritor:

No ano de 1922, mudou-se para Belém (PA), onde ingressou no terceiro ano elementar do Grupo Escolar Barão de Rio Branco, hospedando-se em casa de parentes, e certificou-se, nos Estudos Primários, em 1924. No ano seguinte, matriculou-se no Ginásio Paes de Carvalho, sem fazer os preparatórios, devido à situação financeira e por inibição, e logo cancelou sua matrícula, deixando o segundo ano inconcluso. No ano de 1928, viajou para o Rio de Janeiro (RJ) a bordo do navio Lorde Duque de Caxias a fim de “tentar a vida”. Nesse mesmo ano ele foi admitido como revisor, sem remuneração, na redação da revista Fon-Fon. Enfrentando dificuldades de se estabelecer na cidade e para manter sua sobrevivência, regressou a Belém a bordo do mesmo navio, onde trabalhou na copa. Enquanto isso, seu amigo doutor Raynero Maroja emprestou-lhe livros de clássicos portugueses e de poetas nacionais, como Fialho, Castilho, Augusto dos Anjos, Guerra Junqueira, Cruz e Souza, Balzac, dentre outros (SOUZA, 2022, pág. 14).

Ainda como profissional, através do intermédio de amigos, Dalcídio Jurandir, desenvolveu diversas funções em Marajó, como secretário tesoureiro da Intendência Municipal, inspetor Escolar, Secretário da Delegacia de Recenseamento. Como escritor, produziu romances, crônicas e poesias, mas só ficou reconhecido pela crítica literária brasileira após a publicação da obra *Chove nos Campos de Cachoeira* que teve sua primeira

versão escrita em 1929, mas só foi publicada em 1941. Em 1942, começa a exercer atividades jornalísticas, que foi sendo conciliada com a carreira de escritor.

No dia 16 de junho de 1979, a literatura perdeu um de seus maiores romancistas pois Dalcídio Jurandir faleceu na cidade do Rio de Janeiro deixando como legado uma produção literária que o colocam no patamar de grande escritor da literatura amazônica, brasileira e latino-americana.

Ao longo de sua carreira como romancista, Dalcídio publicou várias obras dentre as quais está a intitulada *Ciclo do Extremo Norte*, composta pelos romances *Chove nos campos de Cachoeira* (1941), *Marajó* (1947), *Três casas e um rio* (1958), *Belém do Grão Pará* (1960), *Passagem dos Inocentes* (1963), *Primeira manhã* (1967), *Ponte do galo* (1971), *Os Habitantes* (1976), *Chão dos Lobos* (1976), *Ribanceira* (1978), e *Linha do Parque* (1959), sendo esta última, uma obra dedicada ao Extremo Sul devido as muitas viagens feitas pelo escritor a esta região.

O conjunto de suas obras renderam a Dalcídio Jurandir em 1972, o prêmio Machado de Assis pela Academia Brasileira de Letras assim como proporcionaram ao autor amazônico, o relacionamento e reconhecimento de outros autores renomados da literatura brasileira como Jorge Amado, Bruno Menezes, Ruy Barata, entre outros.

Escritor comprometido com causas sociais, em sua escrita de cunho denunciativo, Dalcídio Jurandir, por ter nascido e sido criado nesta região amazônica, apresenta em suas obras com riquezas de detalhes, o contexto e cotidiano do povo ribeirinho, retratando a realidade de vida dos habitantes da Amazônia, a sua cultura e sociedade de Belém e do seu entorno fluvial. Ler seus romances, leva o leitor a imaginar o universo de pessoas humildes, seus desejos, paixões e angústias.

Considerado por muitos como o maior escritor da Amazônia, ler Dalcídio Jurandir conforme pontua Nunes (2006) é “experimentar mergulhar em um dos inúmeros igarapés e adentrar no universo amazônico” que são apresentados em suas obras e possui toda uma carga cultural e emocional da Amazônia paraense.

Apesar de cinco dos dez romances que compõem o *Ciclo do Extremo Norte* terem como espaço de representação a periferia de Belém, a importância da produção literária de Dalcídio não deve estar circunscrita ao Pará, à Amazônia ou ao Brasil, bem como não justifica classificá-lo como escritor regionalista, pois ainda que em suas obras o autor apresente o

elemento mágico, as lendas e mitos da Amazônia, também é possível observar o olhar de um escritor para a realidade social e de uma linguagem que ultrapassa os limites do regional.

Tal como outros autores da Amazônia, Jurandir sofre do que o escritor amazonense Márcio Souza em sua participação no Encontro de Escritores da Amazônia Legal (2022), em tom de protesto, denominou de “a síndrome do regente feijó”, pois segundo ele, a literatura produzida na/sobre a Amazônia, em muitos casos, é classificada como regionalista com o intuito de classificá-la como literatura menor. Esta perspectiva colocada por Souza, dialoga com as discussões apresentadas nas obras dos estudiosos pós(de)coloniais Homi Bhabha (1998) e Walter Mignolo (2008) que acerca da desvalorização das produções de países considerados periféricos, defendem que a academia e a política nacional devem voltar os olhos para as produções locais e encontrar o devido valor das suas manifestações.

Neste sentido, considera-se o que sugerem os estudiosos da região Amazônica, Sampaio e Nenevé (2015, p. 29), acerca da necessidade de descolonizar conhecimentos preconceituosos sobre a região amazônica e seus povos e conforme sugerem no texto *Reimaginar a Amazônia*, “podemos fazer isso ouvindo as nossas histórias locais, estando atentos às pesquisas feitas por estudiosos da região e dialogando com a grande diversidade de perspectivas, pontos de vistas e interpretação dos mesmos”.

Em relação à produção literária de Dalcídio Jurandir, existem comunidades científicas de dalcidianos que fazem a divulgação das suas obras e tentam fazer com que o autor seja efetivamente lido e recebido pelo menos dentro do Brasil, porém sua fortuna crítica ainda não é amplamente conhecida fora da região amazônica.

Diante disto, este estudo colabora para a ampliação da divulgação dos estudos voltados à literatura brasileira produzida na Amazônia, assim como também reflete sobre a importância dada ao rio na obra *Três Casas e um Rio* (1958), como elemento que além de compor o título da obra funciona como elemento constituidor no desenvolvimento do enredo, tanto fazendo parte da ambientação, quanto estando simbolicamente relacionado ao percurso da vida dos personagens, principalmente do protagonista Alfredo.

Pertinente à fundamentação metodológica, a análise do objeto de estudo foi realizada por meio do levantamento qualitativo e bibliográfico de fontes específicas sobre o tema, de maneira a contextualizar texto e autor através do referencial teórico pertinente à análise sociocultural da Amazônia. Apoiou-se em estudos como a poética do espaço de Bachelard (1988); os termos “aquonarrativa” de Nunes (2004) e “litera-rios” de Pessôa (2022) e de

“imaginário amazônico” presente nos textos dos estudiosos amazônicos Loureiro (2015); e Nenevê e Sampaio (2015).

## 2 O enredo de *Três casas e um rio*

O romance *Três Casas e um Rio* (1958) é o terceiro livro que compõe o compilado de dez obras que seu próprio autor, Dalcídio Jurandir, denominou de Ciclo do Extremo-Norte. Esta obra possibilita ao leitor ler socialmente as vivências e cultura dos personagens moradores do espaço de representação de Vila de Cachoeira, é “uma representação social bastante fidedigna”<sup>2</sup> do município de Cachoeira de Arari, na Ilha de Marajó, no Pará.

O autor dá início à narrativa fazendo uma descrição do espaço da obra que o descreve com riqueza de detalhes, fala das enchentes, plantas, animais, crenças e tudo que envolve o ambiente que cerca os personagens e compõem o enredo, assim como pode ser lido no trecho retirado no capítulo inicial:

Situada num teso entre os campos e o rio, a vila de Cachoeira, na Ilha de Marajó, vivia de primitiva criação de gado e da pesca, alguma caça, roçadinhos aqui e ali, porcos magros no manival miúdo e cobras no oco dos paus sabrecados. O rio, estreito e raso no verão, transbordando nas grandes chuvas, levava canoas cheias de peixe no gelo e barcos de gado que as lanchas rebocavam até a foz ou em plena baía marajoara. (JURANDIR, 1958, p. 11)

Este excerto pode ser lido como a representação de uma pintura ou quadro panorâmico do espaço que ambienta a obra. O autor consegue demonstrar ao leitor, através das palavras, a cena inicial da narrativa, que é normalmente, como acontece no início dos filmes quando a câmera faz um zoom sobre o panorama do local para dar a conhecer onde a história está circunscrita, onde está sendo ambientada e como vive a população da vila de Cachoeira.

Após apresentar o espaço físico natural, o autor começa a trazer para o enredo, o elemento humano, como pode ser lido na continuação do trecho inicial da obra:

Na parte mais baixa da vila, uma rua beirando o rio, morava num chalé de quatro janelas o Major da Guarda Nacional, Alberto Coimbra, Secretário da Intendência Municipal de Cachoeira, adjunto do Promotor Público da Comarca e Conselheiro do Ensino. (JURANDIR, 1979, p. 11)

---

<sup>2</sup> NUNES, Paulo. ALFREDO: uma entrenarrativa de viagem - Dalcídio Jurandir et. al. S.I.: Youtube, 2020. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zH2j4YKsRw8>. Acesso em: 20 out. 2023.

Deste modo, nota-se o movimento feito pelo autor que inicialmente apresenta a vila de Cachoeira, a natureza do seu entorno para poder chegar ao espaço da casa do major Alberto, pai do personagem principal, Alfredo, que aparece sendo a opção definitiva de protagonista do ciclo dos romances dalcidianos. Só a partir de toda esta apresentação do lugar e seus entornos, é dado início na narrativa dos dramas vividos por seus personagens.

As três casas mencionadas no título são a da família de Alfredo, a da vizinha Lucíola Saraiva e a fazenda Marinatambalo de Edmundo Menezes, filho de latifundiário.

O menino Alfredo, agora com 11 anos, luta por sua formação escolar e sonha em ir morar em Belém para prosseguir com seus estudos pois para ele a escola é vista como um fator estratégico na luta entre as classes sociais.

A história de vida dos pais de Alfredo, major Alberto e dona Amélia, também ganham destaque na narrativa através da apresentação de suas histórias. O pai do menino era secretário da pequena vila e estava sempre envolvido com seus livros, catálogos e com suas funções. Por ser um homem estudado e branco, é respeitado por todos. Representa um sujeito que não demonstra grande relação com o ambiente cotidiano do lugar onde vive pois não há menção de algum contato deste com meio natural ou realizando qualquer ação comum aos moradores do ambiente dos espaços amazônicos, como por exemplo a prática da caça ou da pesca que são algumas das formas de subsistências realizadas pelos povos ribeirinhos da Amazônia. Em contrapartida, a mãe de Alfredo, Dona Amélia, é retratada como uma mulher humilde, negra e sem estudos que vive ocupada com os afazeres domésticos e aparece muitas vezes no ambiente da cozinha. Esta personagem demonstra ter uma relação de proximidade com a natureza a sua volta sendo dotada de conhecimentos da medicina tradicional e se utilizando destes saberes para prestar auxílio aos moradores da vila sempre que solicitada.

Pelo fato de ser uma mulher de origem simples e negra, Dona Amélia não agrada a maioria dos moradores da vila que não a consideram digna de ser esposa do secretário. A situação vivida pela mãe incomoda Alfredo que vê o desinteresse de seu pai em formalizar a relação conjugal como uma forma de desrespeito e desconsideração pela mesma que, de certa forma, contribui para que a sociedade não a trate como sua esposa ou patroa da casa, mas sim como uma empregada do lar.

Apesar da relação conflituosa, a família de Alfredo apresenta melhores condições financeiras que os demais habitantes interioranos da vila de Cachoeira, sendo moradores de um pequeno, mas agradável chalé. Os demais moradores são apresentados como pessoas que

vivem em piores condições dispendo de moradias e vestuários muito simples, como é o caso das personagens Lucíola e a menina Andreza. Os únicos moradores da vila que fazem contraste com a humilde realidade da população local apresentada na narrativa é a família de origem aristocrata, moradores da fazenda dos Menezes, lugar também conhecido como o reino de Marinatambalo.

Todo o enredo da trama se desenvolve em torno do personagem Alfredo que vive obstinado pela ideia de ir para Belém estudar. O caráter psicológico do personagem o descreve como um menino astucioso que demonstra muitos conflitos internos e externos ficando visível por exemplo, no fato de em alguns trechos parecer ter vergonha da própria mãe, por ela ser uma mulher negra, assim como expressar sentimento de superioridade em relação as outras crianças de seu entorno pelo fato de ser branco e filho do secretário da vila.

Alfredo apresenta um sentimento ambíguo em relação as suas origens e com a realidade local e o espaço já que em alguns momentos parece amar o lugar e ter pensamentos positivos como a ideia de sintonia que acredita haver entre ele com o rio, o chalé, as árvores e os peixes; já em outros momentos aparece revoltado e culpabilizando o espaço onde vive e as pessoas de seu convívio familiar como responsáveis pelo seu insucesso nas tentativas de ir embora para a cidade.

O narrador apresenta no desenrolar da trama, diferentes conflitos de tipo social, político, econômico e étnico que se passam na vida dos moradores da vila de Cachoeira que funcionam como estratégia do autor de denunciar as mazelas sociais.

Além de uma descrição detalhada da natureza como as matas, rio, frutas, flores, animais, assim como apresenta os costumes, as lendas, crenças e fé dos povos que vivem no ambiente amazônico, na narrativa de *Três Casas e um Rio*, também é destacado o aspecto do elemento mágico sendo representado através de fatos fantasiosos que ocorrem no reino de Marinatambalo, mas principalmente, pelo caroço de tucumã que é o símbolo dos desejos de Alfredo para sair daquele mundo fechado de Marajó e conseguir uma boa educação em Belém. Desta forma, o caroço de tucumã simboliza o refúgio para um mundo mágico.

O romance *Três Casas e um Rio* é impregnado de uma poética-imagética construída pelo autor e sua inscrição da memória amazônica, em meio às relações sócio-históricas nas quais obra e autor estão inseridos e, a partir disto, constrói em seus textos reflexões sobre a realidade amazônica.

A próxima subseção apresenta alguns trechos retirados de *Três Casas e um Rio* de modo a evidenciar o rio sendo apresentado como elemento constitutivo da narrativa carregado de simbologia.

### **3 A representação do rio em *Três Casas e um Rio***

Sobre a grandiosa natureza desse mundo de água e de terra, de rio e de selva que caracteriza a Amazônia, desde tempos imemoriais, dentre as forças naturais existentes na região, eram as águas as forças que ditavam o ritmo do tempo e o fluxo da vida. Assim, as águas propiciaram a vida, provendo o alimento, demarcando espaços, configurando territórios cujos rios levam, lavam e nutrem nativas nuances, em meio à rica diversidade de vida presente no vasto reino das águas amazônicas (PESSOA, 2021, p. 15)

Esta citação apresenta uma perspectiva que dialoga bastante com um dos significados dado ao rio no romance *Três Casas e um rio* (1958) pois a obra inicia retratando o rio como símbolo vital para a vida dos ribeirinhos amazônidas representados na história. Isto se verifica na passagem inicial que refere “o rio, estreito e raso no verão, transbordando nas grandes chuvas, levava canoas cheias de peixe no gelo e barcos de gado que as lanchas rebocavam até a foz ou em plena baía marajoara” (JURANDIR, 2018, p. 15).

Inicialmente, a importância dada ao rio na história apresentada em *Três Casas e um Rio*, está no fato de este aparecer como meio de sustento ou de transporte hidroviário, muito comum quando se refere à água, porém, no transcorrer do enredo, percebe-se que a intenção de seu autor é apresentá-lo dando-lhe uma dimensão que ultrapassa a de uma visão comumente encontrada em outras histórias. A narrativa apresenta o rio como símbolo de vida, morte, medo, elemento de conexão entre as pessoas, os lugares ou até como fonte de subsistência para os moradores que vivem da pesca.

A presença do rio no romance também não é tratada de modo centralizado, ou seja, o autor não demonstra intenção de apresentar os elementos da natureza como floresta, rio, entre outros, dando-lhes maior ou menor importância em relação ao personagem humano, pelo contrário, como já dito antes, observa-se uma relação de interdependência entre homem e natureza, sendo que personagens humanos e não humanos se complementam na narrativa.

Segundo Loureiro (2015), a cultura amazônica, desde seus primórdios, é marcada pela dialética sociedade/natureza, em suas mais diversas perspectivas e visões, estabelecendo pontos e contrapontos, em versões muitas vezes antagônicas. O autor nos diz, ainda, que a

cultura amazônica configura-se, transfigura-se e evolui, conformando sua identidade por meio das tensões entre os homens e a natureza e, graças a essa “tensão agônica e desmedida de mitos e exorcismo” (LOUREIRO, 2015, p. 25), ora a natureza se impõe ao homem, ora o homem se impõe à natureza.

Em *Três Casas e um Rio*, Dalcídio Jurandir apresenta o espaço ficcional amazônico de modo que o elemento humano está para o protagonismo de um romance ambientado na Amazônia, fugindo de um retrato da região que apresente a natureza à frente do homem. Desta forma, rompe com esta tradição literária consolidada a partir de Euclides da Cunha com a obra *Margem da história* (1909), que condiz com as ideias que foram apresentadas no parágrafo anterior pelo escritor e estudioso da Literatura amazônica João de Jesus Paes Loureiro.

Em relação ao rio como parte do espaço que ambienta a obra, adequa-se as ideias relacionadas com o termo *Topoanálise* criado pelo filósofo Gastou Bachelard em sua obra *A Poética do Espaço* (1978). Esta perspectiva apresenta uma nova visão sobre a disposição do espaço dentro da Literatura, frisando que este é bem mais que o simples espaço físico apresentado através da perspectiva da geografia.

A perspectiva de topoanálise também busca conhecer a profundidade dos sentimentos das personagens em relação ao espaço que o cerca. Segundo o filósofo, a topoanálise é “o estudo psicológico sistemático dos lugares físicos de nossa vida íntima e o cenário mantém os personagens em seu papel dominante” (BACHELAD, 1978, p. 202). Desta forma, a topoanálise auxilia a psicanálise, aprofundando as significações dadas pelo personagem ao espaço em seu entorno.

Em se tratando do espaço da obra, ainda que este artigo esteja centrado na presença do elemento rio, é interessante mencionar que as casas que também compõem o nome da obra objeto deste estudo, podem ser úteis para outros trabalhos de pesquisa, estando presentes na narrativa, informações suficientes sobre os espaços físicos das casas com descrição de detalhes deste ambiente e sua relação destes com o desenvolvimento do enredo como pode ser lido na epígrafe da obra, são “casas, ligadas ao rio que nos remetem ao universo marajoara”, ou seja, é mais uma forma de representação que caracteriza o espaço da obra.

Diante do contexto amazônico e da temática do rio tão presente na história, considera-se que *Três Casas e um Rio*, se configura ao que a pesquisadora Pessôa (2022), denomina de

narrativa *litera-rio*<sup>3</sup>. Outro aporte teórico relevante que dá embasamento à perspectiva apresentada neste trabalho acerca da centralidade do rio como elemento constituidor nesta obra dalcidiana, é o termo “aquOnarrativa<sup>4</sup> cunhado pelo professor, pesquisador e escritor paraense Paulo Nunes (2004), que “a partir de seu mergulho analítico na obra *Chove nos campos de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir, em que constatou a fartura líquida que salpicava das páginas da literatura do Extremo Norte<sup>5</sup>” (NUNES, 2004, p.30 in: PESSÔA, 2022, p. 50).

Diante disto, observa-se que o rio aparece na narrativa apresentando diferentes significados, como a relação de dependência do homem em relação ao rio, que conforme já mencionado, para satisfazer parte de suas necessidades do dia a dia, os ribeirinhos representados na narrativa, passam mais tempo junto a ele, o contemplam com mais frequência e por isso, para eles, esse é um espaço único e até mesmo como um espaço mítico e mágico como pode ser observado ainda nos capítulos iniciais, onde as crianças representadas inicialmente, por Alfredo e Mariinha, usam a sua imaginação durante os momentos de brincadeiras em que agiam como irmãos e comparsas daqueles jogos de faz de conta (JURANDIR, 1979, p.14).

Em outras passagens, as águas do rio aparecem personificadas de tal modo que se assemelham a mais um personagem que interage com os demais, mas especialmente com o menino Alfredo, conforme pode se observar nos seguintes trechos:

O menino espiava: o rio, com efeito, chegara até o soalho, crescendo e em sua escuridão poderia, de súbito e silenciosamente desaparecer o chalé. Também o rio, pela mesma fenda, espiava o telhado sem forro, a corda de roupa rente da janela fechada que dava para a despensa, aquele alguidar cheio d’água para apanhar as caturras à luz do candeiro na mesa de jantar. Rio e menino continuavam se espiando (JURANDIR, 1979, p. 13).

Ao pé da escada, a água insinuava-se pelas tábuas que serviam de ponte para o pequeno teso da horta, de banheiro e do poço do quintal. Alfredo quis divisar o distante clarão que muitas vezes se erguia das bandas da nascente, tido, por pessoas da vila, como a luz de Belém. Como aquele clarão o chamava!” (JURANDIR, 1979, p.15 ).

---

<sup>3</sup> De acordo com Pessôa (2022), este conceito pode ser utilizado/aplicado às mais diversas narrativas em que esteja presente e prepondere o psiquismo hidrante dos rios, manifesto nas várias imagens das águas e em seus elementos ressoantes (PESSÔA, 2022, p. 52).

<sup>4</sup> Conforme pode ser lido em Pessôa (2022), este termo surgiu durante a escrita de Paulo Nunes em 1997, na dissertação *Aquonarrativa: uma leitura de chove nos campos de Cachoeira, de Dalcídio Jurandir*.

Aspecto comum encontrado nos dois trechos acima é a ideia de proximidade entre o menino e o rio, elemento natural tão adjacente à realidade de Alfredo que ao mesmo tempo que parece lhe transmitir uma ideia de espaço de confinidade, mas é também com este que consegue desenvolver certa cumplicidade a tal ponto de parecer haver uma comunicação entre ambos. Desta forma, o autor consegue humanizar o rio através de uma estética repleta de poesia e simbolismos.

O rio também surge como um lugar de refúgio e aconchego de Alfredo, espaço onde o menino parece buscar abrigo e até consolo, podendo ser observado em algumas passagens quando sai de sua casa chateado e correndo apressado com ânsia de chegar ao rio; mas em alguns trechos, parece não encontrar ali solução, pois “andava ao longo da margem sem nenhum alívio, ao contrário, a paz do rio o atormentava mais” (JURANDIR, 1979, p.188). Assim, observa-se um sentimento ambíguo entre o menino e o rio.

Outro significado dado ao rio é o de lugar que transmite medo conforme pode ser lido no trecho no início da obra, em que a família de Alfredo e os moradores do chalé ficam intrigados com um barulho que vinha debaixo da casa em que moravam, e ouviam sempre durante o período das cheias amazônicas; e como não faziam esforço em encontrar uma explicação “real” para o fato, se conformavam com misticismos muito comuns pertencentes ao imaginário dos povos amazônicos, acreditando que o ruído era emitido por um animal que vivia no fundo do rio (JURANDIR, 1979, p.15).

O imaginário sobre os rios amazônicos recebe grande influência das perspectivas apresentadas sobre a história da Amazônia contada através da versão dos primeiros viajantes colonizadores destes lugares. Assim como as florestas amazônicas foram descritas como um espaço mítico, repleto de mistérios e temeroso, os rios também receberam essa visão. Tal como refere João de Jesus Paes Loureiro (2015), em seu livro *Cultura Amazônica, uma poética do imaginário*, as tensões existentes entre os homens e a natureza foram crescendo e se renovando através de uma dinâmica que consiste em “domínio e submissão [...] ora, a natureza impondo-se ao homem, ora o homem a ela se impõe (LOUREIRO, 2015, p. 25).

No enredo de *Três Casas e um Rio*, o rio também aparece como signo de espaço que por sua forma, força e grandeza, amedronta e desafia o homem. Isto fica evidente no excerto

em que o tio de Alfredo, o caboclo Sebastião, lhe conta que ao avistar a pororoca<sup>6</sup> ficou tão admirado e desesperado que pedia socorro a vários Santos de diferentes credos, esquecendo-se que estava em uma embarcação cheia de protestantes (JURANDIR, 1979, p. 77).

Uma outra passagem que apresenta o rio como símbolo de lugar que causa temor é no capítulo final, quando Alfredo está viajando na embarcação. Durante sua travessia sobre o rio para chegar a Belém, devido ao mal tempo, o menino fica com receio da embarcação virar, de cair no rio e morrer afogado, entrando ainda em mais desespero ao perceber que havia perdido a oração que a Inocência lhe dera, ao fazerem as pazes, e sentiu-se muito culpado porque deixara cair no rio, a oração que o poderia proteger de qualquer fatalidade (JURANDIR, 1979, p. 332).

O rio além de representar em muitos trechos uma metáfora que simboliza a travessia de Alfredo (SOUZA, 2022), também é relacionado simbolicamente ao percurso de vida de outros personagens da história. Há por exemplo, a passagem na qual o major Alberto, pai de Alfredo, relembra um fato ocorrido no passado, entre ele e sua companheira, dona Amélia, faz relação entre o fluxo do rio com movimentos e velocidades oscilantes, comparando-o com o rumo da trajetória da vida de ambos. Isto fica ainda mais evidente no excerto que se refere a Alberto “[...] contemplou o rio como se contemplasse o outro rio, o de sua vida, distante e obscuro, descendo do seu passado” (JURANDIR, 1979, p. 188).

Para Alfredo o rio é interpretado como o principal obstáculo que o separa de seguir em busca de seu sonho de ir para Belém estudar, tal como pode ser observado no trecho “o menino olhou o rio que se fechava na curva como se lhe dissesse: Por mim não sairás de Cachoeira” (JURANDIR, 1979, p.188).

Diante desta perspectiva do rio como espaço de desafio que precisa ser “superado”, e como percebe que não tem apoio da família, Alfredo começa a pensar em diferentes estratégias para transpor este obstáculo que o separa de seu sonho. Para isso, algumas vezes, decide fugir como é lido no trecho “na manhã seguinte, decidiu fugir novamente com toda a segurança, mas pelo rio, com um rumo certo: Belém” (JURANDIR, 1979, p.249).

---

<sup>6</sup> Grande onda de alguns metros de altura que ocorre, em certas épocas, em rios muito volumosos, em especial, o Amazonas, perto de sua foz, e que destrói tudo que encontra à sua passagem, causando grande estrondo e formando atrás de si ondas menores.

Por fim, após a tentativa de sua fuga ser frustrada e Alfredo novamente ser confrontado com a presença do rio como obstáculo intransponível, que mais uma vez, representa o limite que o distancia de seu grande sonho, o menino cai em depressão e percebendo isto, sua mãe acaba se convencendo que o melhor a fazer pela felicidade de seu filho era apoiá-lo e lhe ajudar na partida da Vila de Cachoeira para Belém. Tal como é descrito no texto “a mãe, aproveitando a partida do irmão, fora a Belém arranjar casa onde pudesse deixá-lo” e o menino radiante comemora a sua partida para Belém”, enfim, iria prosseguir seus estudos e assim, realizar seu grande sonho (JURANDIR. 1979, p. 330).

O capítulo final descreve que Alfredo está embarcando com um misto de emoções “como um passarinho solto e o coração se fechava em uns quantos sentimentos novos e informes, na sensação de que o chalé ia dentro, consigo, e ao mesmo tempo o via afogado na enchente de abril” (JURANDIR, 1979, p.332). Neste trecho, mais uma vez, é possível observar as sensações do menino sendo assemelhadas a características do rio/água.

Só a partir do excerto acima, quando o menino sobe na embarcação acompanhado por sua mãe, partindo através do rio, dando início à realização de seu sonho, a configuração do rio muda na visão de Alfredo, pois se antes representava limite ou obstáculo que precisava ser superado, agora, passa a representar o início do seu trajeto rumo à cidade de Belém e uma espécie de passagem para a liberdade pois de acordo Leandro Tocantins (1988), “para o homem amazônida, o rio é o que comanda a vida”. Esta passagem final da obra também pode ser relacionada à reflexão apresentada por Loureiro ao escrever:

O homem da Amazônia percorre pacientemente as inúmeras curvas dos rios, ultrapassando a solidão de suas várzeas pouco povoadas e plenas de incontáveis tonalidades de verdes, da linha do horizonte que parece confinar com o eterno, da grandeza que envolve o espírito numa sensação de estar diante de algo sublime”. (LOUREIRO. 2015, p. 61).

É desta forma que Alfredo parece considerar o rio no final da história como uma metáfora do trajeto que precisava ser realizado para chegar aquele momento tão sonhado em sua vida. Esta perspectiva se assemelha a apresentada por Bachelard (2018) em *A água e os sonhos: ensaios sobre a imaginação da matéria*, quando pontua que “não nos banhamos duas vezes no mesmo rio, porque, já em sua profundidade, o ser humano tem o destino da água que corre. A água é realmente o elemento transitório (BACHELARD 2018, p. 6).

Assim, é possível afirmar que o rio está relacionado na obra *Três Casas e um Rio*, física e simbolicamente na vida de Alfredo pois além de estar presente objetivamente, na vida deste personagem, também se insere em seu mundo simbólico sendo representado como o limite que precisa ser transposto e como a travessia que simboliza a sua conquista na narrativa.

### **Considerações Finais**

Esse artigo buscou evidenciar a importância dada ao rio na obra *Três Casas e um Rio* (1957), terceiro romance do escritor paraense Dalcídio Jurandir que faz parte dos dez romances que compõem a produção literária que o próprio autor denominou como o Ciclo do Extremo-Norte.

De acordo com a pesquisa, Dalcídio pode ser considerado o escritor amazônico mais reconhecido pela produção da literatura da/sobre a Amazônia e pelas suas obras, ganhou importantes prêmios e respeito pela crítica literária brasileira.

*Três Casas e um Rio*, assim como as demais obras produzidas pelo autor Dalcídio Jurandir, descrevem com riquezas de detalhes o cotidiano da população amazônica paraense, fato que justifica estimular a leitura de seus romances para ampliação do conhecimento e reconhecimento de grandes textos que apresentam a história social e cultural da Amazônia.

O enredo de *Três Casas e um Rio*, obra objeto deste estudo, apresenta a história do protagonista da trama, o menino Alfredo, um morador do espaço fictício da obra que retrata a vila de Cachoeira, cidade interiorana da Amazônia e da família do menino que sonhava ir para a capital estudar.

O elemento rio, aspecto de foco deste texto, aparece na narrativa recebendo diferentes configurações através de simbologias e metáforas que o tornam tão presente na obra, que além de ser em alguns trechos personificado, ainda funciona como elemento constituidor do enredo.

A importância dada ao elemento rio na história de *Três Casas e um Rio* possibilita relacionar esta obra aos conceitos de aquonarrativa e litera-rios, termos cunhados por estudiosos da literatura amazônica. Fato que pode ser justificado da importância dada ao rio no enredo da narrativa tanto no fato de fazer parte do título da obra, assim como por aparecer como espaço que ambienta a obra e por representar metaforicamente, diferentes significados

como o de obstáculo a ser vencido pelo protagonista, assim como o meio por onde este consegue realizar o trajeto que lhe permite fazer a travessia até a realização do seu sonho.

## Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martin Fontes, 1988.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

JURANDIR, Dalcídio. **Três casas e um rio**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Catedra, 1979.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. 5ª ed. Manaus: Valer, 2015. (Coleção Memórias da Amazônia).

MANTOVANI, Antonio Aparecido. **Espaço em ruína: meio social, conflito familiar e a casa em ruína em Os dois Irmãos de Germano Almeida e Dois Irmãos de Milton Hatoum**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo (Área de Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa). São Paulo, 2009

MIGNOLO, Walter. **Histórias Locais / Projetos Globais: Colonialidade, Saberes Subalternos e Pensamento Liminar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

NENEVE, Miguel; SAMPAIO, Sonia Maria Gomes. **Re-imaginar a Amazônia, descolonizar a escrita sobre a região**. Literaturas e Amazônias: colonização e descolonização. Rio Branco, 2015, p.19-35.

NUNES, Paulo. Amazonia, verbo transitivo e aquonarrativas. Asas da Palavra: **Revista do Curso de Letras** - Centro de Ciências Humanas e Educação, Belém, v. 12, n. 8, p.29-36, 18 dez. 2004. Semestral. Disponível em: <http://revistas.unama.br/index.php/asasadapalavra/article/view/1910/1071>. Acesso em: 06 abr. 2020.

NUNES, Paulo. ALFREDO: uma entrenarrativa de viagem - Dalcídio Jurandir et. al. S.I.: Youtube, 2020. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zH2j4YKsRw8>. Acesso em: 20 out. 2023.

PESSÔA, Elysmeire da Silva de Oliveira. **Amazonas, Pátria da água: Um mergulho poético-imagético na escrita e na memória amazônida de Thiago De Mello**. 2022. Disponível em: <https://ri.unir.br/jspui/handle/123456789/3740>. Acesso em: 22 out. 2023.

PESSÔA, Elysmeire da Silva de Oliveira; NOGUEIRA, Mara Genecy Centeno. Entre a ilusão de um paraíso, a invenção de um território e as vozes do rio: uma análise comparativa das representações sobre a Amazônia. In: CALDAS, Yurgel Pantoja; CARVALHO, Fábio Almeida de (Orgs.). **Leituras amazônicas e brasileiras**, vol. 6. Boa Vista: UFRR, 2021. p.

55-72. (Coleção: Discipuli; vol. 6). Disponível em: <https://ufr.br/editora/ebook-menu>. Acesso em: 06 dez. 2021.

PRESTES, F; CORTIVO R. **O espaço e o homem amazônico no romance Três Casas e um Rio, de Dalcídio Jurandir**. UFAM, 2018. Disponível em: <http://edoc.ufam.edu.br/retrieve/17f10606-ea3f-4111-8eb7-60f2-80b97f5c/TCC-Letras-2018-Arquivo.007.pdf>.

SOUZA, Aldizete Silva. **A construção da personagem Alfredo na perspectiva do imaginário em Três Casas e um Rio de Dalcídio Jurandir**. 2022. Disponível em: <https://ri.unir.br/jspui/handle/123456789/3986>

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida: uma Interpretação da Amazônia**. Apresentação de Gilberto Freyre. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1988.

VALÉRIO, E. A natureza como um elemento mítico em “Três Casas e um Rio”, de Dalcídio Jurandir. **Travessias**, Cascavel, v. 4, n. 3, p. e4611, 2010. Disponível em: <https://revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/4611>. Acesso em: 22 jul. 2023.